

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**HELOIZA CORREIA SALVADOR**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Florianópolis**

**2016**

**HELOIZA CORREIA SALVADOR**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mareli Eliane Graupe

**Florianópolis**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Salvador, Heloiza Correia

As Relações de Gênero na Educação Infantil / Heloiza  
Correia Salvador ; orientadora, Mareli Eliane Graupe -  
Florianópolis, SC, 2016.

48 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na  
Escola.

Inclui referências

1.Educação. 3. Educação Infantil. 4. Gênero. 5.  
Diversidade. I. Graupe, Mareli Eliane. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Especialização EaD em Gênero e  
Diversidade na Escola. III. Título.

**HELOIZA CORREIA SALVADOR**

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

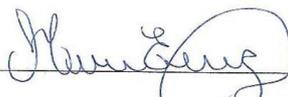
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

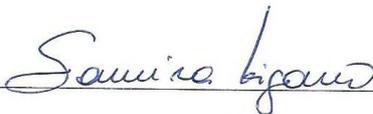


Olga Regina Zigelli Garcia

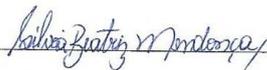
Banca Examinadora:



Mareli Eliane Graupe



Samira de Moraes Maia Vigano



Silvia Beatriz Mendonça

*Dedico este trabalho ao meu pai e minha mãe  
que tanto amo, que me proporcionaram a base  
necessária para minha trajetória até aqui.*

*E ao meu parceiro e companheiro de todos os  
momentos. Amo você!*

## AGRADECIMENTOS

Estou muito grata ao meu companheiro Fábio F. Pereira, que desde o início do curso de especialização em Gênero e diversidade na Escola, me apoiou e me incentivou a estudar.

Em seguida agradeço a minha amiga e parceira de trabalho Renata H. Vieira, que além de me auxiliar na produção do meu memorial descritivo, foi ela quem me indicou e informou sobre o processo de inscrição no curso em questão.

A nossa querida tutora Julia Silvestrin da turma Ângela Davis, que sempre esteve disponível para diálogos e discussões acerca das temáticas apresentadas. Meu sincero, muito obrigada! Aos professores e professoras, orientadores e orientadoras que em cada texto proposto, a cada aula apresentada pode esclarecer, ensinar e transmitir conhecimento sobre os conteúdos apresentados durante a totalidade do curso.

Agradeço a parceria da turma Ângela Davis, que muito além da interação em sala, buscamos meios de nos unir cada vez mais. Fomos mais além, nos atrelamos em confraternizações, por meio de confecção de *stander*, vídeos, churrascos, redes sociais, entre outros. Tudo para que trocássemos conhecimentos e permanecêssemos juntos. Portanto, com amor e força vencêssemos esta etapa em nossas vidas.

Em especial a minha querida orientadora Mareli Eliane Graupe, que desde a primeira aula que tive com ela, obtive uma certeza que estava seguindo no caminho certo, e a cada orientação minha admiração só se fez aumentar. Meus sinceros agradecimentos!

Registro aqui um agradecimento pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pelo SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem a qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do Estado de Santa Catarina.

Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos treze anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE. Sobretudo depois da

extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*“As crianças são como esponjas. Absorvem tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não nos damos conta de que estamos ensinando. Assim, quando adotamos um comportamento crítico – reclamando delas, dos outros e do mundo em torno de nós -, estamos lhes mostrando como condenar e criticar os outros. Estamos ensinando a ver o que está errado no mundo, e não o que está certo.”*

*(NOLTE, 2009).*

## RESUMO

O presente trabalho é requisito para a obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui como objetivo geral conhecer como as relações de gênero são trabalhadas na educação infantil. E os objetivos específicos são: conhecer o referencial teórico sobre gênero e educação infantil; compreender sobre como as relações de gênero são trabalhadas em sala de aula nas interações entre os(as) educadores(as) e as crianças; identificar se os(as) educadores(as) e as crianças diferem ou não atividades consideradas como apropriadas para meninos e meninas. O referencial teórico abarca autores/as como Miriam Grossi, Joan Scott, Daniela Auad, Tito Sena e Mareli Graupe, entre outros/as. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a realização de entrevistas com seis profissionais da área da educação infantil. As instituições de educação infantil têm a função de orientar as crianças na perspectiva do desenvolvimento de posturas de respeito ao outro e as diferenças. Constatou-se como resultados que as educadoras abordam que notam diferenças comportamentais, de atitudes, e nas brincadeiras entre meninos e meninas; as educadoras relatam que as crianças tem preferências de brinquedos e escolha de cores; os brinquedos ficam dispostos de maneira acessível as crianças em caixas ou prateleiras; e as educadoras tentam sempre englobar todo o grupo nas atividades propostas. O estudo proporcionou uma reflexão sobre as práticas pedagógicas frente às relações de gênero no campo da educação infantil.

Palavras-chave: Gênero. Educação Infantil. Diversidade. Respeito.

## **ABSTRACT**

The present work is required to obtain the title of Specialist in Gender and Diversity in School (GDE), Federal University of Santa Catarina (UFSC). Its general objective is to know how gender relations are worked out in early childhood education. And the specific objectives are: to know the theoretical reference on gender and early childhood education; About how gender relations are worked out in the classroom in the interactions between educators and children; Identify whether educators and children differ or do not consider it appropriate for boys and girls. The theoretical framework includes authors such as Miriam Grossi, Joan Scott, Daniela Auad, Tito Sena and Mareli Graupe, among others. The methodology used for bibliographic research and interviews with six professionals in the area of early childhood education. As early childhood education institutions have a role to guide children in the perspective of developing positions of respect for each other and differences. It was observed as results that as educators they approach that there are no behavioral limits, attitudes, and games between boys and girls; As educators report that as children have toy preferences and choice of cores; Toys are available for children in boxes or shelves; And educators always try to involve the whole group in the proposed activities. The study provides a reflection on pedagogical practices regarding gender relations in the field of early childhood education.

**Keywords:** Gender. Child Education. Diversity. Respect.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

FACVEST – Faculdades Integradas FACVEST

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1. GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
1.1 EDUCAÇÃO INFANTIL .....	18
1.2 CONCEITO DE GÊNERO .....	20
1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO.....	222
2. GÊNERO NA ESCOLA: PESQUISA DE CAMPO .....	287
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
ANEXOS.....	40

## INTRODUÇÃO

A autora deste trabalho é Professora de Educação Infantil, da Prefeitura Municipal de Palhoça. Possui graduação em Normal Superior pela Faculdade Municipal da Lapa (2008), Pedagogia com habilitação para educação infantil e educação de jovens e adultos (2010) e especialização em Gestão Escolar Interdisciplinar com ênfase em educação básica: educação infantil, ensino fundamental e médio (2011), pela Faculdades Integradas FACVEST.

Iniciou sua vida profissional no campo da educação, no ano de 2006, atuando no Centro de Educação Infantil Gradual LTDA (Escola Dinâmica), situada em Florianópolis, até o ano de 2013. Atuou na área da educação, na função de auxiliar de sala pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, nas comunidades do Monte Cristo, Chico Mendes e na Armação do Pântano do Sul.

A participação no curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola partiu do interesse em promover uma formação constante e ampliar os conhecimentos na área da educação, complementando as ações docentes, como também enriquecer as práticas pedagógicas cotidianas. Os conteúdos e os conceitos adquiridos durante o curso auxiliarão nos projetos pedagógicos e nas vivências que serão propiciadas as crianças, e aos profissionais nos quais as cercam.

Neste trabalho objetiva-se conhecer as relações de gênero na educação infantil. Acredita-se que só é possível planejar o tema, a partir de uma reflexão da ação docente, ou seja, rever todos os passos, prever e programar as ações que vão delinear as práticas pedagógicas. Compreende-se, ser de extrema importância a realização desta pesquisa, tendo em vista a repercussão nacional de movimentos conservadores, como por exemplo, o Programa Escola Sem Partido, que busca intimidar professoras/es que trabalham com as questões de gênero. Enfim, é importante o estudo sobre gênero e educação infantil.

Nas instituições de educação infantil atualmente, pode-se observar que espaços antes estipulados como somente de meninos ou vice-versa, estão sendo aproveitados pelas crianças independente do gênero e instigados pelos/as educadores/as a propiciar momentos de interação e liberdade de escolha. Na construção de uma escola possível e democrática, promovendo o respeito pelas diversidades/diferenças.

Esse estudo demonstra o quanto às relações de gênero na educação infantil podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem. O tema das relações de gênero é um campo de estudos, e os movimentos sociais feministas tem grande influência, sendo marcado por

avanços e uma vasta trajetória histórica, como exemplo o direito da mulher ao voto, conquistado em 1932, lei sancionada por decreto pelo então presidente Getúlio Vargas. Referentes ao movimento feminista deste período, como representantes sufragistas brasileiras, constavam Eugenia Moreyra, Bertha Lutz e Celina Viana.

Atualmente os movimentos sociais ainda possuem muitos desafios pela frente, um deles continua sendo a luta por igualdade de direitos. No campo da educação, observa-se que com o auxílio e mediação dos(as) educadores(as) as crianças podem adquirir respeito às diferenças e a diversidade de gênero, auxiliando, assim, nas diversas leituras de mundo.

A escola tem o papel de desmistificar as diferenças, possibilitando às crianças a compreensão, desenvolvendo nelas um pensamento crítico e reflexivo, na construção de atitudes e valores sobre gênero.

O objetivo geral deste trabalho é conhecer como as relações de gênero são trabalhadas na educação infantil. E os objetivos específicos são: conhecer o referencial teórico sobre gênero e educação infantil; compreender sobre como as relações de gênero são trabalhadas em sala de aula nas interações entre os(as) educadores(as) e as crianças; identificar se os(as) educadores(as) e as crianças diferem ou não atividades consideradas como apropriadas para meninos e meninas.

Este trabalho se constitui em três partes, estando divididos, mais se integram em um todo como proposta de qualidade textual. No primeiro capítulo: Gênero e educação infantil são apresentados conceitos teóricos sobre gênero, de algumas autoras como: Louro, Grossi e Scott a definição de gênero. Qual a relação do tema com a educação infantil e as maneiras para que a área da educação tenha avanços positivos e progressivos na construção de uma infância sem desigualdades e exclusões.

Na sequência sobre a Educação Infantil, o Conceito de Gênero e também, as principais políticas públicas de gênero no campo da educação infantil, suas contribuições e articulações na educação e no contexto envolvendo a prática pedagógica.

No segundo capítulo, Gênero na escola: pesquisa de campo, apresenta-se a construção da análise realizada com base nas entrevistas feitas com seis professoras anônimas da educação infantil, enfatizando se as mesmas notam diferenças comportamentais, de atitudes, nas brincadeiras entre meninos e meninas, assim como a organização dos espaços dos brinquedos em sala, se tem diferença nas escolhas dos brinquedos entre outros.

Nas considerações finais, será apresentada as reflexões acerca das pesquisas realizadas e os questionamentos sobre as práticas das professoras no cotidiano escolar da educação infantil, no que se refere às relações de gênero.

Esse estudo proporcionou uma reflexão e observação sobre as práticas pedagógicas frente às relações de gênero, e uma conscientização sobre a importância dos estudos de gênero no campo da educação infantil, contribuindo para o enfrentamento de quaisquer tipo de discriminação.

## 1 GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL

Faz-se nesta seção, uma abordagem sobre o tema gênero na educação infantil apresentando questões teóricas atuais consideradas relevantes para o estudo que enfoca como tema principal as relações de gênero na educação infantil.

Identificar a importância das relações de gênero, na prática dos(as) professores(as) no cotidiano da sala de aula, leva-nos a pesquisar diversas bibliografias sobre este tema.

Falar de relações de gênero é muito complexo, pois fazemos parte de uma cultura patriarcal onde os preconceitos estão impregnados na mente de algumas pessoas de famílias com comportamento machista.

Na prática, os(as) educadores(as) com sua função de mediador do conhecimento para os(as) educandos(as), tem como responsabilidade se despir de certos tabus, com o objetivo de assumir um processo democrático no desenvolvimento da aprendizagem escolar, onde toda ação deve estar alicerçada e coerente com a proposta pedagógica da instituição.

Desta forma, observa-se que o tema proposto faz parte do contexto social de uma escola. Neste sentido, é necessário articular as relações de gênero na educação infantil e seus conceitos.

Conforme alguns autores e a análise referente a estes, observa-se que as questões de gênero sendo trabalhadas de forma apropriada e adequada desde a infância, podem contribuir para uma sociedade atual e futura mais igualitária e justa.

Conforme descrito na revista presença pedagógica (SOARES et al, 2014, p. 48):

[...] as questões de gênero se interconectam através das aprendizagens, que se fazem presentes desde o aprender a falar e andar até o aprendizado das relações sociais e os lugares hierárquicos de meninos e meninas. As construções das identidades das crianças refletem as assimetrias das relações de poder que se manifestam nas relações de gênero tanto nas famílias dos educadores e das crianças, quanto no cotidiano da escola. Daí a importância de se construir, na educação infantil, espaços de reflexão sobre questões de gênero.

A escola como centro da educação sistemática, tem como proposta de construção, trabalhar com os(as) educandos(as) a sua visão de mundo, suas reais potencialidades de acordo com sua fase evolutiva e de seu interesse de ação.

Na educação infantil, falar das relações de gênero é uma relação muito benéfica para todos. Pois, será possível nas crianças, orientá-los a desenvolver uma postura de respeito ao outro e as diferenças, fazendo assim que tenham escolhas mais conscientes no futuro.

A concepção de Proposta Pedagógica para a Educação Infantil, segundo as Diretrizes, constitui um trabalho que garanta às instituições a possibilidade de cumprirem sua função sociopolítica e pedagógica. Para tanto, é preciso considerar os direitos das crianças, a parceria com as famílias no cuidado e educação dessas crianças, a promoção de interações significativas, igualdade de oportunidades no que se refere ao acesso ao conhecimento, sem abrir mão de práticas pautadas na ludicidade e que consideram questões como sustentabilidade do planeta e o rompimento de relações de dominação étnico racial de gênero, entre outras. (PEREIRA; VENTURA; VOLKEN, 2013, p. 52 e 53)

Percebe-se que trabalhar na área da educação é assumir uma prática pedagógica que oportunize o desenvolvimento de competências que permitam aos(as) educandos(as) avanços qualitativos, no uso de recursos para a resolução de problemas frente a novas situações, isso implica na necessidade de refletimos sobre diversas questões, entre elas: as relações de gênero na infância.

Logo, surge a dúvida: Por que a categoria gênero na maioria das vezes, não é trabalhada em sala: dificuldades de trabalhar com crianças de faixa etárias tão pequenas. Falta de formação dos(as) educadores(as) acerca do tema. Medo da reação das famílias. Ou por que para as crianças não existe preconceito.

Percebe-se que na educação infantil, raramente o tema gênero é abordado. Até porque são simplesmente crianças que ainda não possuem uma orientação sexual formada. Os(as) professores(as) simplesmente orientam as crianças a terem respeito pela diversidade, fazendo com que elas convivam com todos sem discriminação.

Dialogar sobre gênero no contexto escolar implica, na maioria das vezes, debater sobre diferentes posições, conceitos, concepções, opiniões sobre o que esperamos de cada gênero. É um exercício que exige conhecimento teórico-metodológico sobre a temática para que possam ser identificados os argumentos pautados em concepções conservadoras, machistas, sexistas, homofóbicas, heterossexistas, racistas, classistas, etc. (GRAUPE; SOUSA, 2015, p. 113).

É de suma importância que os(as) educadores(as) tenha conhecimento nas questões relacionadas a gênero e diversidade, para que em sala de aula e em torno da comunidade escolar possa mediar fatos/acontecimentos que envolvam estereótipos, discriminação,

preconceito, etnocentrismo, alteridade e diferenças. Os(as) educadores(as) devem promover a equidade de gênero na educação.

Segundo relato de Célia Bonilha, no texto de Eliziane Lara:

A gente constrói a nossa identidade de família a partir do momento em que divide as tarefas, mas a sobrecarga no caso das meninas é muito grande [...] desde cedo já se começa a naturalizar nas famílias que cabe às meninas o papel de cuidadoras. Ainda pequenas elas ganham bonecas e fogõezinhos. Enquanto elas arrumam a própria cama, os irmãos saem para brincar e jogar bola, pois cuidar da casa “não é coisa de menino”. (LARA, 2015, s./p.)

Porque em muitos dos casos “menino pode” e a “menina não”? Será que isso vem enraizado da cultura machista no decorrer de gerações.

No cotidiano da Educação Infantil as salas são organizadas com espaços temáticos diversificados para as crianças brincarem, como exemplo: tapete para os momentos de roda e contação de histórias, mesas para atividades e jogos, quadro para desenhos livres e explicações, cantinho da casinha (com fogão, cama, bonecos/as), o cantinho da leitura para que tenham livre acesso aos livros. Tudo na intenção de disponibilizar a interação das crianças independente do gênero.

Para Auad, (2005, p. 39):

[...] a coexistência de indivíduos, membros de grupos sociais variados, no seio de um mesmo espaço social ou institucional possa causar diferenças, distinções e diversidades hierarquizadas, ou seja, desigualdades. No que se refere especificamente à educação escolar, são muitas as pesquisas e publicações que afirmam, com propriedade, que a escola é um espaço pautado pelas relações de gênero e, portanto, pelas desigualdades entre o masculino e o feminino. Revela-se, assim, que a consideração da categoria gênero pode potencializar a percepção dessas desigualdades como construções sociais, tanto na escola quanto nas demais instituições sociais.

As relações de poder também acontecem ou podem vir a acontecer no meio institucional, e nesse momento, cabe à escola desmistificar essa construção equivocada de desigualdades entre gênero. A diversidade nas creches e pré-escolas faz parte do cotidiano escolar e deve ser abordado de forma a propiciar interações produtivas e que venha a agregar no futuro das gerações, uma parceria de sucesso e sabedoria com a diversidade cultural existente em nosso país.

Precisa-se combater na educação infantil que certas “coisas são relacionadas para meninos”, pois estes são mais agitados e outras “coisas são para meninas”, pois essas são mais

tranquilas. Pois, o modo no qual ela foi inserida na sociedade, desde o contato familiar e o ambiente escolar, poderá influenciar em suas escolhas futuramente; até mesmo por algumas profissões, que são dominadas por um ou outro sexo.

Esse processo de construção da identidade da criança, e essa sendo inserida no convívio social, pode iniciar-se na educação, pelo tipo de brincadeiras propostas para as crianças, com o intuito de ajudar a mudar os valores, nos tempos atuais ainda sexistas, promovendo uma sociedade mais igualitária.

## 1.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

Educação infantil é o atendimento oferecido em creches e pré escolas brasileiras as crianças de zero a cinco anos de idade e possui um duplo objetivo: cuidar e educar. O reconhecimento da importância dessa fase de ensino foi consolidado pela Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, que a definiu como primeira etapa da educação básica.

Compõe-se na garantia de uma formação integral alicerçada nas diversas dimensões humanas (corporal, lingüística, intelectual, expressiva, emocional, social e cultural).

A trajetória do desenvolvimento infantil é fantástica, e quando a unidade propicia um espaço de segurança, incentivo, carinho e limites de maneira clara e afetiva propõe à criança a oportunidade desta não apenas o direito de brincar e receber cuidados mas também de desenvolver suas capacidades físicas, intelectuais, sociais e afetivas.

A educação infantil tem como princípio básico, a formação de um cidadão crítico, autônomo, consciente e atuante na sociedade na qual está inserido. Esta construção se dá gradativamente.

Cabe aos professores(as) terem um olhar atento e reflexivo sobre o desenvolvimento de cada criança para perceberem a individualidade de cada um, suas limitações e suas habilidades, dando ênfase as suas qualidades e ao seu crescimento durante o decorrer do ano.

A educação infantil no espaço escolar tem a função pedagógica que se constitui em ampliar a compreensão da realidade, levando em conta os conhecimentos prévios das crianças, ajudando-as, pois elas são inseridas numa sociedade cheias de conflitos.

As propostas pedagógicas das instituições de educação infantil devem promover o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade. Garantindo não só os

direitos fundamentais das crianças à provisão (alimentação, saúde, lazer, educação, afeto entre outros) e à proteção (contra a violência, negligência e a discriminação). Mas também promover a participação na vida social e cultural na qual esta inserida.

Essas crianças merecem ser respeitadas e ter a liberdade para se expressar individualmente. Elas precisam de um espaço que organizem um cotidiano de situações agradáveis que desafiem o que cada criança e seu grupo sabem.

Elas tem direitos à educação, proteção, cuidados, alimentação, liberdade, respeito, entre tantas outras coisas. Enfatiza-se as possibilidades destas ações através do lúdico durante este processo de aquisição do conhecimento, por entender que este engloba todas as dimensões do desenvolvimento integral das crianças.

Possibilidades estas favorecidas pela interação, adulto/criança, criança/criança, crianças/objeto mediadas pelos professores(as), vivendo numa rede de relações sociais.

A instituição de educação infantil tem a obrigação de respeitar a diversidade cultural, atendendo a especificidade de cada demanda possibilitando uma identidade cultural e sentido de pertencimento.

As crianças vem para as instituições trazendo muitas particularidades, concomitantemente a família também trás consigo muitas dúvidas, medos e costumes culturais.

Observa-se hoje um número muito alto de famílias desestruturadas (psicologicamente e financeiramente) e como consequência disso as crianças são matriculadas nos Núcleos de Educação Infantil e Centro de Educação Infantil como o único lugar de abrigo, acomodação para essas crianças enquanto o responsável precisa trabalhar e não tem com quem deixá-la.

Também observa-se a falta de vagas em muitas das localidades urbanas devido a grande procura por parte das famílias.

As unidades educativas normalmente atende no horário de funcionamento em período integral das 7h:00min às 19h:00min e em período parcial matutino: 7h:00min às 13h:00min. e no período parcial vespertino: 13h:00min às 19h:00min.

Os trabalhos desenvolvidos com crianças, tais como os da rotina da sala, regras de convívio, respeito com o próximo, possibilita a ampliação das relações sociais e permitem que as crianças tenham oportunidade de expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos.

A educação infantil se constitui numa aprendizagem complementar à família de forma intencional, sistematizada. A primeira instituição social na qual pertence a criança é a família. Nela a criança é cuidada e educada e passa a construir os significados com o mundo material e

afetivo. No momento em que a criança passa a frequentar a instituição de educação infantil muitos mundos (diversidades) começam a fazer parte de sua vida.

## 1.2 CONCEITO DE GÊNERO

Com base nas diversas leituras sobre gênero: entende-se que gênero diferentemente do sexo biológico e opção sexual, é a forma/maneira na qual a pessoa se vê, se senti, se constrói, sentindo-se homem ou mulher, conforme suas emoções e seus sentimentos, tornando-se assim homem ou mulher!

Conforme Louro, (1992, p. 57):

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenha especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade.

É necessário desconstruir na sociedade a concepção existente sobre o sentido de que gênero pode ser resumido à sexo. Ainda acredita-se que o gênero é identificado pelo sexo biológico da pessoa, pode-se observar em práticas sociais voltadas para a masculinidade e feminilidade, tanto corporal, emocional, como nas obrigações e/ou tarefas impostas a cada sexo.

A construção da categoria gênero possui elementos históricos como: as discussões acadêmicas, movimentos sociais, organizações não governamentais, esferas do poder público (políticas públicas), e especialmente está relacionado à trajetória dos movimentos feministas. O feminismo é um movimento social, político e filosófico, que tem como objetivos direitos iguais (igualdade entre homens e mulheres).

O sufrágio que ocorreu no final do século XIX e início do século XX, conhecido como primeira onda, teve como a principal luta o direito ao voto e pela oportunidade de

estudo. A chamada segunda onda feminista, surgiu depois com a designação de uma segunda onda feminista. Envolvidas no movimento feminista estavam às mulheres francesas, americanas, inglesas de todas as grandes potências da época.

No Brasil, uma importante militante foi Bertha Lutz, que reuniu mulheres da burguesia na luta pelo direito ao voto, que pressionaram os governantes e suas exigências foram atendidas pelo então presidente Getúlio Vargas, e o direito ao voto foi conquistado no ano de 1932, quando foi promulgado o novo código eleitoral brasileiro.

O movimento feminista reivindica a autonomia e igualdade de direitos para a transformação da sociedade em torno das relações de gênero.

[...] que não temos “um” discurso sobre gênero, mas discursos sobre gênero (múltiplos), açambarcando inclusive contradições, ambiguidades e incertezas, como em quaisquer outros discursos, já que todos são construídos histórica e culturalmente (estando em contínua transformação). Desta forma, considerando que os discursos sobre gênero são carregados de pluralizações desencadeadoras, suas aparentes dispersões e pulverizações fragmentadas levam-nos a apreciá-los convergentemente de forma política, histórica e cultural, principalmente porque seu campo (espaço-temporal) envolve diferenciações, antagonizações, hierarquizações e exclusões.

Os estudos de gênero também privilegiam a concepção foucaultiana de que cada época e cada cultura tem sua versão particular do que é considerado desigual nas relações entre os sexos, opondo-se, assim, à universalização trans-histórica das assimetrias de gênero. (SENA, 2013, p. 91 e 92)

Com o propósito de formar pessoas críticas que possam atuar e ajudar na reconstrução da realidade é fundamental que se trabalhem os conteúdos culturais. É preciso que se respeite à diversidade cultural, linguística e política.

Isso significa que o(a) professor(a) deve buscar métodos, técnicas e recursos diferenciados para possibilitar as crianças uma aprendizagem significativa; Educar é uma ação profundamente política e ética.

A fertilidade dos dias atuais contrasta, entretanto, com a trajetória difícil que a categoria de análise ‘gênero’ enfrentou no campo historiográfico. Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica. A trajetória, costumeiramente ‘cautelosa’, dessa disciplina, e o domínio do campo por determinadas perspectivas de abordagem, retardaram significativamente o avanço das discussões. Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. (SOIHET; PEDRO, 2007, 284).

Portanto, o êxito das intervenções educacionais está ligado a um compromisso consciente e cuidadoso com a comunidade, à qual pretende servir.

É preciso construir práticas educacionais, afim de que os(as) alunos(as) possam conscientemente intervir na realidade. Para isso é preciso envolver os(as) educandos(as) em debates sobre a realidade, sobre as interpretações conflituosas do presente a cerca do tema para poder eles(as) mesmos dar suas sugestões.

Sendo assim, conhecer e refletir sobre as políticas públicas de gênero se torna algo indispensável para falarmos com bases concretas de busca de alternativas para a solução de problemas e de tomadas de decisões que possam surgir.

### 1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO

A importância de termos políticas públicas de gênero voltadas para a área da educação, auxiliando no cotidiano escolar, com ações que envolvam a comunidade escolar e as famílias no processo de construção de respeito às diferenças, diminuindo assim as desigualdades existentes desde o ambiente escolar.

Segundo WELTER, (2015, p.15):

Embora existam legislações (gerais e específicas), orientações e formações, observa-se, nas escolas brasileiras, o uso recorrente de **pedagogias excludentes** por parte de estudantes e educadoras/es diante de expressões de gênero, sexuais ou religiosas não normativas.

Na sociedade brasileira as desigualdades de gênero estão presentes, afetando o desempenho escolar de meninos e meninas, nas diferenças de classe e cultural. É fundamental para se ter uma sociedade mais justa, ter questionamentos acerca das igualdades entre meninos e meninas, buscando as mesmas oportunidades e direitos desde a infância.

Percebe se que é preciso estar abertos a discussão crítica, porque os(as) educadores(as) tem o compromisso de serem agentes de transformação social; e sabe se que são muitos os elementos que influenciam na concepção curricular.

Os atos de educação devem estar comprometidos com a libertação dos homens e mulheres. A relação dos(as) professores(as) com as crianças devem estar sobre uma perspectiva de um novo olhar e fortemente comprometida por um componente ético, e não

mais na forma de educação bancária. Os(as) alunos(as) devem ser entendidos no processo de aprendizagem como sujeitos, reconhecendo e valorizando a cultura de todos os povos.

A falta de propostas educacionais no âmbito de gênero contribui para a desvalorização de políticas públicas para a educação, propiciando a escola contribuir de maneira desigual na construção da identidade de gênero. É, essa construção que começa nas meninas e nos meninos em suas relações do ambiente escolar da educação infantil.

A nossa sociedade advinda de uma cultura ainda muito preconceituosa e machista, incorpora nas crianças um mito do que pode ou não pode ser realizado por cada gênero. Sendo que as políticas públicas precisam contribuir para a sociedade com reflexões acerca das práticas pedagógicas relacionadas a gênero, combatendo as desigualdades. Refletindo-se assim, para uma política educacional que valorize e respeite a diversidade.

O papel da escola e das pessoas que trabalham na área da educação nesse processo é fundamental. É por meio da educação que a promoção desses tipos de cultura pode acontecer de forma mais efetiva, moldando novos valores e atitudes de respeito e paz, desconstruindo velhos e arraigados preconceitos, formando cidadãos e cidadãs que construirão uma sociedade mais justa. (CARVALHO, 2009, p. 248).

Sobre as diferenças de gênero no espaço escolar, se observa o volume de informações agregadas à discussão a cerca das políticas públicas de gênero no campo da educação.

Quando se trata de saber sobre as legislações existentes, podemos perceber que a sociedade esta a par de seus direitos. Porém, vivemos em nossa sociedade uma cultura machista e preconceituosa.

Na Constituição Federal Brasileira, de 1988, consta descrito no “artigo 3º: IV Promover o bem de todos e todas sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. No “artigo 5º: Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza [...]”. E no “artigo 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente [...]. O direito à vida, à saúde[...]. À dignidade, ao respeito à liberdade [...]. Além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão”.

A educação deve trabalhar as relações de gênero, com a pedagogia da equidade, assim atendendo a cada criança a sua necessidade, a sua escolha, sua maneira, respeitando-as. Atendendo as necessidades para que todos se desenvolvam plenamente e principalmente no que se trata este estudo, nas áreas educacionais (como exemplo: das artes, dos esportes, das ciências...) em que a criança mais gosta e se sente bem.

Ao olharmos a composição dos grupos infantis nas instituições de educação infantil, não estamos apenas frente a um conjunto de crianças e adultos com determinadas características biológicas, mas sim, frente a sujeitos sociais, constituídos e pertencentes a uma etnia, a uma geração, a um gênero, a uma cultura. Aspectos que atravessam a composição das relações e a própria constituição do ser humano. Meninas, meninos, negros, brancos, asiáticos, indígenas, brasileiros, estrangeiros, moradores e moradoras do interior da ilha ou do centro urbano, católicos, evangélicos, do candomblé... sujeitos constituídos por fatores socioculturais que os tornam, ao mesmo tempo, seres únicos e também com características comuns que os identificam a determinados grupos sociais. (FLORIANÓPOLIS, 2012, p. 59.)

Observa-se que nas instituições de educação infantil, tanto públicas quanto privadas, as questões de gênero estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, na Constituição Federal, nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação, no Ministério da Educação, nos Planos Nacionais de Educação e o município de Florianópolis, conta com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Sabe-se que as instituições de ensino não podem e nem devem se organizar como bem querem. É preciso estar de acordo com a legislação vigente. Não podemos nos esquecer que as escolas públicas são administradas pelo poder público, seja municipal, estadual ou federal. Já as instituições de ensino privadas são mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

Atualmente, as propostas pedagógicas das instituições são orientadas em sua organização, nota-se que a prática dos(as) educadores(as) exigem um contínuo processo de reflexão e discussão em relação a projetos que venham fortalecer o aprendizado dos(as) alunos(as) e favorecer as relações sociais, de valores necessários para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Os(as) professores(as) devem buscar conhecer e encontrar formas de garantir a todos(as) os(as) educandos(as) uma educação de qualidade. No entanto, para que isso se efetive, a escola enquanto organização social tem seus objetivos a serem atingidos.

Percebe-se que “a estrutura organizacional e o cumprimento das atribuições de cada membro da equipe é um elemento indispensável para o funcionamento da escola” (LIBÂNEO, 2004, p. 207).

Para que esse processo se desenvolva com eficácia e com qualidade são necessárias ações de planejamento, execução, avaliação e o monitoramento das práticas e ações realizadas.

As instituições educativas não podem abrir mão de assegurar aos seus membros o domínio dos conhecimentos necessários para a sua instrumentalização teórica e prática na luta pela transformação da sociedade.

A organização escolar compreende todos os órgãos necessários ao funcionamento da unidade escolar. A organização escolar abrange os seguintes serviços: Direção Geral Assessor(a) de Direção, Técnico-Administrativo, Assistente Técnico-Pedagógico, Assistente de Educação, Corpo Docente, Corpo Discente e demais funcionários.

Conforme Libâneo (2004, p. 56), “a escola precisa oferecer serviços e resultados de qualidade, a fim de que os alunos que passem por ela ganhem condições de exercício da liberdade política e intelectual”.

A função social da escola é promover, ao aluno(a), acesso ao conhecimento sistematizado e, a partir deste, a produção de novos conhecimentos. Preocupar-se com a formação de um homem consciente e participativo na sociedade em que está inserido.

Conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014, p.54):

Entende-se a diversidade como característica da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências de vida históricas e culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Esta noção nos remete à ideia de diferenças de identidades constitutivas dos seres humanos, das suas organizações sociais, etnias, nacionalidades, gêneros, orientação sexual, religiosidades. Enfim, diversidades de grupos sociais, de identidades do ser social em sua singularidade que se constituem em espaços, em ambientes, em tempos históricos com características diversas [...].

O termo gênero está inserido na Proposta Curricular de Santa Catarina, como diferenças de identidade da espécie humana, com características diversas, incluindo assim a Diversidade como Princípio Formativo, como título descrito no capítulo da citação acima. Abordando a necessidade de vivermos em sociedade, lutando pelos direitos humanos e respeitando os mesmos sem discriminação.

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural. (BRASIL, 1998, p. 32).

No que diz respeito à diversidade na educação infantil, as relações e interações tendem a propiciar momentos de diálogos, socializações e integrações entre as crianças. Porém, todos os espaços de interações sociais são alusivos às origens socioculturais dos familiares, que acabam refletindo suas opiniões, conceitos e crenças para as crianças. Assim, podendo haver desavenças e discriminação no ambiente escolar. Cabe aos educadores(as), transformar este espaço em um ambiente acolhedor e passível de inclusões, diálogos, favorecendo e valorizando todos os seres humanos por suas diferenças e pela diversidade cultural e social existentes.

Assim, podemos afirmar que os sujeitos da diversidade somos todos nós, mas há que destacar os grupos que vivenciaram processos de preconceito e discriminação, [...] é para aqueles que as diretrizes encaminham formas específicas de ensinar, aprender e de organizar a escola, como é o caso dos indígenas, dos quilombolas, sujeitos do campo, sujeitos da educação especial que têm garantido o seu direito à educação e à acessibilidade por meio de atendimento educacional especializado as suas necessidades específicas; e também para aqueles que se reconstróem em seus direitos, em suas identidades, nos movimentos de direitos humanos, nas relações de gênero e na diversidade sexual. (SANTA CATARINA, 2014, p. 57).

Portanto, as discussões que envolvem a educação para as relações de gênero, a educação para a diversidade sexual, a educação das relações étnico-raciais, entre outras, está presente na atualização da Proposta Curricular de Santa Catarina, do ano de 2014. Relatando que as relações de gênero não remetem apenas a “homem” ou “mulher”, “macho” ou “fêmea”, (como sexo biológico). Mais sim, ao respeito à categoria gênero e a construção social, cultural, política e histórica no qual envolve todo este processo de compreensão até a atualidade.

São ações que vão delinear as práticas pedagógicas e garantir a formação de homens e mulheres conscientes, capazes de analisar, criticar e quem sabe mudar a nossa realidade, atuando significativamente na busca por soluções para vivermos em uma sociedade mais justa e fraterna.

Se a escola tem a responsabilidade e o compromisso social com a formação dos(as) alunos(as), então, cabe a ela definir se pelo tipo de cidadão que deseja formar, de acordo com sua concepção de sociedade, de homem e de mundo.

O maior desafio dos(as) educadores(as) da atualidade é a partir do contexto em que está inserido, buscar fundamentos teóricos e posicionarem-se como sujeitos, exercendo em sala de aula como articulador da teoria e prática, para que os(as) alunos(as) sejam sujeitos de suas próprias ações.

Neste sentido, é importante questionar se estão sendo trabalhadas as questões de gênero nas escolas.

## 2 GÊNERO NA ESCOLA: PESQUISA DE CAMPO

Esta seção sobre gênero na escola contém relatos de seis entrevistas, realizadas com três professoras que atuam no município de Palhoça e as outras três no município de Florianópolis. As professoras que responderam as perguntas previamente elaboradas pela pesquisadora, tem idade média de trinta a quarenta e cinco anos, todas formadas em pedagogia a mais de dez anos e com suas especializações em diferentes áreas da educação já concluídas.

A pesquisa foi realizada entre meados do mês de outubro até o decorrer de todo o mês de novembro do ano de dois mil e dezesseis, com profissionais que atuam ou atuaram com a pesquisadora e se dispuseram a responder as questões.

O que se observa diante de todos os depoimentos das respectivas entrevistas, é que as relações de gênero na educação infantil são trabalhadas pelas educadoras dentro do tema diversidade, abrangendo assim assuntos sobre as diferentes culturas, questões sociais e relações entre meninos e meninas. Assuntos trabalhados muitas vezes de maneira lúdica em forma de contação de histórias, vídeos, brinquedos e brincadeiras.

A coleta e análise de dados segue o proposto por Mayring e Flick e constitui-se como estudo qualitativo, com revisão de literatura, pesquisa documental e de campo. A partir do objetivo proposto, a pesquisa empírica foi desenvolvida sob o método de entrevista focalizada, por apresentar a possibilidade de um diálogo que facilita a interação entre duas ou mais pessoas, em uma troca de informações e dá sentido à realidade que abrange os sujeitos. (FLICK, 2009).

A pesquisa qualitativa tem como objetivo, a partir de um assunto proposto, explorar dos(as) entrevistados(as) o que pensam/como trabalham a respeito do tema da pesquisa, neste caso sobre as relações de gênero na educação infantil. Assim, na pesquisa qualitativa a intenção não é contar quantidades, mais conseguir entender o comportamento dos(as) entrevistados(as). Sendo a pesquisa qualitativa realizada em sua maioria por um pequeno grupo de entrevistados(as).

O trabalho educativo em instituições voltadas para a educação infantil, requer compromisso, concepções e diálogos frequentes entre os profissionais e familiares. Diálogo este referente a prática educativa, bem como os princípios norteadores dos fazeres pedagógicos junto à infância.

Delinear os princípios do trabalho pedagógico não é tarefa fácil. Temos como apoio o referencial curricular nacional para educação infantil que menciona os seguintes princípios:

- \* O respeito a dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.
- \* O direito da criança a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil.
- \* O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- \* A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- \* O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p.13).

O referencial curricular nacional para a educação infantil propõe subsídios para desenvolver o trabalho com as crianças. Buscando sempre o melhor, trabalhando na prática docente a necessidade de repensar as ações, os valores e concepções que compõem o cenário das instituições de educação infantil, percebendo e respeitando a multiplicidade que ali se encontram.

O trabalho pedagógico envolve um movimento contínuo de busca, de diálogos, reflexões e ações. Procura se sempre valorizar as crianças, respeitando suas possibilidades e proporcionando vivências significativas nesta construção social.

As instituições de educação infantil vêm dando destaque ao tema diversidade étnico-racial. Estudar e analisar a diversidade são de suma importância para os(as) educadores(as), pois esse tema vem de encontro com o nosso respeito as crianças e seus direitos, e emerge diariamente em nosso cotidiano.

Nas instituições de educação infantil encontra se uma variedade de livros infantis que representam a cultura afrodescendente, crianças especiais, indígenas, asiáticos entre outros. Também trabalha se com matérias e brinquedos que representam essa diversidade.

Todas as crianças são diferentes entre si e ressaltam as suas diferenças diariamente. Frente a essa realidade não da para ignorar as questões de gênero e etnia. É preciso conhecer a

criança e sua família para poder de alguma forma atender as necessidades das crianças num contexto de socialização entre diferentes e iguais.

A educação infantil poderá minimizar os efeitos de discriminação. O trabalho com a diversidade e o convívio com as diferenças possibilitam a ampliação de horizontes tanto para as crianças como também para os professores(as) e isso reflete na sociedade.

Assumir um trabalho de acolhimento as diferentes expressões e manifestações das crianças e suas famílias significa respeitar e valorizar a diversidade. A criança raciocina diferentemente do adulto. Ela não nasce preconceituosa, se ela age assim é porque ela se espelhou em alguém. A criança apresenta uma capacidade adaptativa muito grande, tanto do ponto de vista físico, mental quanto social.

Nas questões trabalhadas sobre gênero na escola, percebe-se que, o ato de planejar no processo educativo é essencial. Ele delimita regras, recursos, e o espaço de tempo em que os conteúdos e métodos de ensino tem que ser aplicados, para se ter um resultado produtivo na realidade social.

Os(as) professores(as) devem oportunizar aos seus alunos(as) vivenciar a dinâmica social e facilitar a interação que possibilita a aprendizagem dos conteúdos e conseqüentemente sua reflexão a partir do contexto social em que as crianças estão inseridas.

Neste sentido foi realizado um questionário com seis professoras da área da educação infantil conhecidas pela autora deste trabalho, que atuam na rede municipal de ensino da grande Florianópolis. Questionário este que apresenta as seguintes perguntas:

1. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?
2. Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?
3. Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?
4. Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?
5. Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?
6. Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.
7. Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

Este questionário foi realizado no período do mês de outubro e novembro do ano de dois mil e dezesseis, onde a identificação das entrevistadas e nome das escolas serão preservados.

Com a temática gênero na educação infantil, a fim de analisar na prática pedagógica como as professoras observam as ações entre meninos e meninas em sala de aula, e notam diferenciações em suas atitudes e comportamentos desde a escolha dos brinquedos, até a visão de mundo que cerca a criança.

Com base nas respostas dos seis questionamentos, segue as análises realizadas. No que diz respeito se as professoras percebem algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil, sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem. Pode-se verificar que no processo de ensino e aprendizagem as educadoras dizem não haver diferenças. Mais, as professoras comentam que existem as preferências de brinquedos e nas escolhas de cores, e também é oportunizado pelas mesmas, momentos de interação coletiva.

A entrevistada número um, relata que: *“Sim, principalmente no comportamento. Muito pela educação familiar e imposições da sociedade. Quando se deparam com escolhas como cor rosa e azul, boneca e carrinho é visível estas interferências, mas busco sempre trabalhar globalmente, sem taxação, porém, tem algumas convenções que sigo e acredito ser necessário. Lido com a questão do gênero, de maneira lúcida, não acho interessante estimular tudo, mas acredito que muitas coisas podem ser feitas pelas escolhas individuais, como cor da roupa, corte de cabelo, etc., mas acredito que algumas características e papéis podem ser mantidos, sem discriminação e desrespeito a vontade própria, como o respeito ao corpo, seu e dos colegas.”*

Sobre as professoras terem realizado alguma formação profissional a respeito da temática gênero, das seis entrevistadas, duas responderam que tiveram a formação do respectivo tema. Porém, uma relata que o curso não a marcou e, infelizmente os cursos oportunizados pelas secretarias de educação onde trabalhou, geralmente prefeituras, não são de tão boa qualidade que possam influenciar em mudanças nas práticas pedagógicas.

A outra entrevistada comenta que esse ano teve uma formação proporcionada pela prefeitura em que atua, que abordava essa temática, levando a refletir o cotidiano com as crianças em sala e quando houver algum conflito relacionado a gênero, conversar com as crianças e desmistificar os conceitos impostos pela nossa sociedade, muitas vezes, machistas e preconceituosa onde meninos não podem chorar por serem heróis e as meninas sempre são indefesas e que tem que ficar em casa cuidando dos filhos.

No caso do modo de organização, se possui alguma classificação e disposição dos brinquedos em sala para as crianças, as professoras responderam que os brinquedos ficam dispostos de maneira acessível as crianças, em caixas e prateleiras, onde possam escolher com autonomia e realizar as trocas com os(as) colegas e também auxiliar na organização da sala que é realizada por eles(as). Uma educadora relatou que apesar de não trabalhar desta forma, já viu uma sala onde os brinquedos eram organizados/classificados como os de meninos e os de meninas.

Referente às atividades que considera apropriadas para meninos e meninas e se percebe diferenças nas escolhas destes. As educadoras relatam que sempre trabalham para englobar todo o grupo de trabalho nas atividades propostas, independente do sexo da criança. Porém, quanto maiores as crianças da educação infantil na faixa de 4 e 5 anos de idade, já apresentam suas preferências, tanto na questão de brinquedos, como: boneca e carrinho, como nas escolhas das cores. Sendo de alguma forma, algo do contexto cultural, advindo da influência familiar como a representação das brincadeiras simbólicas, onde os papéis geralmente são realizados pelos mesmos, como a representação do papai pelo menino e da mamãe pela menina, conforme relato da professora.

Sobre as diversidades identificadas nas salas de aula, as professoras relatam que cada criança é única, possuindo suas particularidades e diferenças. Nas escolhas de brinquedos acontecem situações como quando as meninas vão pegar um carrinho para brincar e os meninos não querem, e nos momentos em que os meninos pegam uma boneca, a casos de enfretamentos. Tendo as intervenções das educadoras para que não haja situações de tumulto, brigas ou preconceitos em sala de aula e no âmbito escolar.

Como relata a entrevistada número três: sempre acontecem conflitos referente ao preconceito de gênero, quase sempre por parte dos meninos com relação as meninas, nos momentos da escolha de um brinquedo e escolhas das cores para uma atividade.

Nas questões em que as professoras presenciaram alguma situação de preconceito, por parte das crianças ou dos familiares. Há dois relatos interessantes de se descrever sobre as famílias. O primeiro sobre mães que não aceitavam que os filhos brincassem com crianças que tinham piolho e proibiam os filhos de se aproximar ou brincar com eles. E no segundo caso, um dia em que a aula de dança foi geral, para meninos e meninas, para os meninos que quisessem. Apenas um quis, e a mãe no outro dia veio conversar, pois o filho chegou muito empolgado contando a situação. Ela pediu que não se repetisse, a não ser em casos especiais como este. Ela disse que não queria estimular, só ele de menino na dança, e se fosse escolha dele, ela o levaria para uma aula de dança.

E por fim, o questionamento encerra-se sobre os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula. Na maioria das respostas, as professoras colocam que os conflitos geralmente acontecem por disputas de brinquedos, e brincadeiras onde meninos e meninas não querem brincar juntos. Acontecendo a diferenciação nas brincadeiras e atitudes das crianças da educação infantil.

Observamos com as respostas voltadas aos questionamentos da temática gênero na educação infantil, como fica evidente a importância das educadoras terem alguma formação continuada sobre o assunto, para melhor intervir nas situações de conflitos existentes em sala de aula. E, que atualmente, na forma como podem, situações de diálogos entre educadoras e educandos(as) já acontecem ações, trabalhos e atividades, para promover o bem comum e o respeito ao próximo. Combatendo assim, situações de discriminação, preconceitos e estigmas que possam surgir desde a infância.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com esta pesquisa, conhecer o tema as relações de gênero na educação infantil e sua importância na prática pedagógica. O objetivo geral foi analisar como as relações de gênero são trabalhadas na educação infantil. Também, conhecer de que forma as questões de políticas públicas de gênero são trabalhadas dentro das instituições educativas e como os(as) professores(as) veem esta proposta de trabalho sobre gênero na escola.

Em resposta aos objetivos da pesquisa, considero importante este trabalho de pesquisa, tendo em vista o interesse pelo assunto com o intuito de analisar um estudo sobre as relações de gênero na educação infantil.

Assim no capítulo Gênero na escola: pesquisa de campo, foram entrevistadas seis professoras anônimas da área da educação infantil, onde três são profissionais do município de Palhoça e as outras três do município de Florianópolis. A pesquisa foi realizada em meados de outubro até o decorrer do mês de novembro de dois mil e dezesseis. Com perguntas alusivas ao tema gênero na educação infantil, para compreender como são trabalhadas em sala de aula as questões de gênero e as interações existentes a cerca da temática.

Além do mais, vivemos em nossos dias um momento de profunda reflexão em torno do tema as relações de gênero na educação de crianças, jovens e adultos. Foi este um dos motivos que levou a fazer esta pesquisa na qual se chega a seguinte conclusão.

Percebe-se que não é uma tarefa fácil de se trabalhar o tema com crianças de zero a seis anos de idade. Até porque se observa muito poucas atitudes de preconceito de gênero entre as crianças. Porque as crianças não possuem uma orientação sexual formada. Na verdade o preconceito está no adulto, que cresceu no meio de uma sociedade cheia de tabus; preconceitos entre pobres e ricos, negros e brancos, pessoas com deficiências, povos indígenas, quilombolas, travestis, gays, lésbicas entre outros.

A maioria da população faz parte de uma cultura patriarcal de comportamento machista, e os(as) professores(as) não fogem a regra. Muitos deles(as) sim são preconceituosos, racistas e ai vai. Porém nem todos estão abertos ao novo.

Percebe-se que, a nossa sociedade atual precisa de cidadãos atuantes, que não se limitem apenas a observar a realidade, mas que nela saibam agir, examinar os fatos, articular acontecimentos, prever suas possíveis consequências para a qualidade de vida das pessoas.

Neste sentido, para mudar nossa história e lograr conquistas, precisa se exercitar a cidadania plena e lutar por uma sociedade mais justa e solidária e acima de tudo acreditar

sempre no poder transformador da educação, daí a necessidade de conhecer sobre a teoria gênero e educação infantil para poder planejar as aulas com fundamentação teórica.

Um (a) professor(a) não deveria entrar em sala de aula sem ter a clareza de suas intenções e de seu papel de educador(a). Para construir uma educação de qualidade no momento atual, as instituições educativas na figura de seus servidores(as) precisam repensar suas práticas. A sociedade atual apresenta muitos desafios a serem superados, atualmente não basta ao professor(a) dominar os conteúdos escolares, ainda que essa seja uma importante característica, outros conhecimentos são essenciais.

Nos dias atuais ser educador(a) significa ter consciência que trabalha em uma instituição que está inserida em uma organização maior.

Sendo assim, verifica-se que as inúmeras transformações e demandas da sociedade contemporânea colocam a escola diante de uma pergunta: que tipo de cidadãos pretende-se formar? Geralmente as respostas são: formar um cidadão consciente, crítico para que possa compreender e interferir positivamente na realidade a qual está inserido.

Por isso cabe as instituições educativas construir em seu projeto político pedagógico de acordo com a integração e participação da comunidade escolar. A escola deve ser crítica, reflexiva e possibilitar a toda a comunidade um projeto político pedagógico consolidado pela colaboração mútua.

Nessas discussões acredita-se que o consenso geral é de que se deve garantir uma concepção de educação que busque a formação integral do ser humano na sociedade do qual faz parte; sendo que a escola, por meio da ação pedagógica do(a) professor(a) em sala de aula, assume a responsabilidade de garantir essa formação a todos os seus educandos(as).

O projeto político pedagógico na verdade é um documento que a instituição organiza com propostas e exigências que a comunidade escolar pretende alcançar. Nele devem estar explícitos os fundamentos teóricos e metodológicos, os objetivos, o tipo de organização e o sistema de avaliação da escola.

É um documento que define as intenções da instituição em realizar um trabalho de qualidade e propõe uma direção política para o trabalho escolar.

O(a) professor(a) utiliza-se deste instrumento para dar ênfase aos trabalhos referentes as diversidades culturais e de gênero para superar as desigualdades existentes em nossa volta. É preciso trabalhar o respeito para com o próximo, somos diferentes uns dos outros, embora parecidos em alguma coisa; porém ninguém tem a mesma impressão digital, embora somos muitos.

A Proposta Curricular de Santa Catarina nos assegura que devemos e é possível trabalhar com responsabilidade apoiada nas políticas públicas de gênero.

É preciso que o(a) professor(a) saiba usar argumentos baseando se em leis que protejam as crianças, jovens, adultos e idosos contra as concepções conservadoras, machistas, homofóbicas, racistas, sexistas entre outros.

Não dá mais para continuar sabendo que pessoas são agredidas, sofrendo *bullying* ou assédio moral por assumir a sua opção sexual embora seja biologicamente do sexo masculino ou feminino. Não dá mais para aceitar a rejeição ou exclusão de pessoas portadoras de deficiências, religião, raça ou etnia.

Constata-se que é importante que o(a) educador(a) tenha conhecimento sobre as questões de gênero e diversidade para que intervenha em casos que envolvam discriminação, estereótipos, preconceitos. O(a) professor(a) deve em seu trabalho tratar todos com respeito e ensinar isso as crianças desde a educação infantil.

Nada de cantinho para as meninas ou meninos; E não vem com essa conversa de que a cor rosa é para as meninas e a cor azul para os meninos. Também não falem que homem não chora. E sem essa que certos brinquedos são para meninos e outros para as meninas. A escolha é da criança, não vamos repetir os erros do passado.

Hoje no mundo moderno, ainda se observa professores(as) retrógrados, repetindo os mesmos erros. Mas é preciso que estes venham abrir a suas mentes para as inovações presentes no nosso cotidiano escolar e também social.

É essencial que os(as) professores(as) tenham formação continuada para que possam estar aprendendo e se capacitando para trabalhar, ensinar e defender o tema proposto neste trabalho.

É gratificante saber que essa mudança começou a muitos anos atrás. Mas, que mesmo em marcha lenta muitas das conquistas deve-se aquelas pessoas. Hoje por exemplo temos leis que defende a inclusão social de pessoas portadoras de deficiências físicas e outras leis que defende outros casos aqui relacionados.

As crianças precisam compartilhar suas ideias, suas experiências e seus sentimentos com os(as) amigos(as) e com o(a) professor(a). É importante ressaltar que os(as) educadores(as) precisam estar conscientes de seu papel de agentes de transformação social e, por este motivo, é tão importante que se coloquem como estimuladores do processo de ensino aprendizagem.

O planejamento do(a) professor(a) tem a função de facilitar as ações coordenadas, para atingir objetivos essenciais ao processo ensino aprendizagem. No planejamento deve conter

ações que trabalhe questões de diversidade/gênero. Pois, o planejamento escolar é o processo de racionalização, organização e coordenação da atividade do(a) educador(a), que articula o que acontece dentro da escola com o contexto em que ela se insere.

No ato de planejar, o(a) professor(a) precisa ter claro que a escola não é isolada do mundo em que ela está inserida. Vive-se num contexto no quais muitos participam e atuam de maneiras diferentes.

Portanto, para planejar em relação ao tema proposto o(a) professor(a) deve ter responsabilidade e competência para assumir o seu trabalho voltado para a formação integral do(a) aluno(a) e saber que este será assistido por outros docentes durante a sua trajetória escolar. Diante disso, a importância em se trabalhar em equipe, mas estando sempre direcionado a realidade de cada turma.

Todavia, o retrato da realidade das necessidades da instituição escolar deve ser discutido no planejamento participativo que tem por objetivo superar as necessidades identificadas.

Percebe-se que a maioria dos(as) educadores(as) atraem os(as) educandos(as) não só pelas suas ideias, mas pelo seu modo de agir. As mudanças na educação se dão pela capacidade de gerenciar e integrar a teoria com a prática, de propor a liberdade como base de processos participativos, interativos e libertadores.

Pode-se, acima de tudo, considerar que este processo é um grande avanço e profundamente um enorme desafio às instituições escolares e aos profissionais envolvidos nesta área.

Observa-se que são muitas as possibilidades em nossa volta para ampliar e melhorar o fazer pedagógico. É preciso nos despir dos preconceitos impostos pela cultura ultrapassada para darmos espaço para o novo conceito de liberdade de escolha.

A educação desenvolve no(a) aluno(a) as faculdades físicas, intelectuais e morais e isso proporciona uma identidade autônoma no(a) educando(a) na qual ele(a) mesmo(a) desenvolve seu projeto de vida, capaz de construir, mudar e aperfeiçoar seu pensamento, sua conduta e suas atitudes.

É imprescindível insistir no fato que devemos respeitar o próximo, fazendo a lição de mundo e não só de palavras porque tudo esta conectado a tudo e dentro de sala de aula não é diferente.

Finalizo estas reflexões considerando que o objetivo geral desta pesquisa foi alcançado, pois por meio da pesquisa de campo, foi possível verificar a necessidade dos/as

profissionais da área da educação infantil, terem formação continuada sobre a temática gênero na educação infantil.

Por meio desse curso de especialização em gênero e diversidade na escola, foi possível, analisar, constatar e registrar, alguns dados específicos a respeito do tema proposto.

## REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Relações de Gênero nas Práticas Escolares:** o aprendizado da separação nas “misturas” do pátio. 2005. P.39. Disponível em: <[periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/2346/2098](http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/2346/2098)>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category\\_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 25 out. 2016.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil – Introdução.** Volume I. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1998. P. 32-33.

CARVALHO, Marília Gomes (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade:** gênero e sexualidade na escola. Curitiba: UTFPR, 2009.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução: Joice Elias Costa. 3ª edição. Porto Alegre. Artmed, 2009.

GRAUPE, Mareli Eliane; Sousa, Lúcia Aulete Búrigo de. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina; MAGRINI, Pedro Rosas (org). Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Livro II, UFSC: 2015.

LARA, Eliziane. **O que é ser menina no Brasil?** – Desigualdade de gênero desde a infância. Disponível em: <<http://oficinadeimagens.org.br/o-que-e-ser-menina-no-brasil-desigualdade-de-genero-desde-a-infancia/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero.** In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannoranica, nº 6. 1992.

NOLTE, Dorothy. **As crianças aprendem o que vivenciam.** Rio de Janeiro, Sextante, p. 15, 2009.

PEREIRA, Angelita; VENTURA, Lidnei; VOLKEN, Luciane. **ESTRUTURA e Funcionamento das Instituições de EDUCAÇÃO BÁSICA.** Caderno Pedagógico. 1ª edição. Florianópolis. DIOESC, 2013.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. 2014. Disponível em: <[http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta\\_Curricular\\_final.pdf](http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2016.

SENA, Tito. **Sexualidades, estatísticas e normalidades**: a persona numerabilis nos relatórios Kinsey, Masters & Johnson E Hite. Florianópolis. Mulheres, 2013.

SOARES, Claudia Caldeira; ALVES, Cláudio Eduardo Resende; SOUZA, Magner Miranda de. **Relações de Gênero na educação infantil**. Presença Pedagógica. Volume 20, número 119, set/out. 2014.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História, volume 27, nº 54, p. 284. 2007. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Joana\\_Pedro2/publication/262545663\\_The\\_emergence\\_of\\_the\\_research\\_on\\_Women's\\_History\\_and\\_Gender\\_Relations/links/555359c808ae6943a86f26ac.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Joana_Pedro2/publication/262545663_The_emergence_of_the_research_on_Women's_History_and_Gender_Relations/links/555359c808ae6943a86f26ac.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2016.

WELTER, Tânia. Ensino, religião e educação. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina; MAGRINI, Pedro Rosas (org). Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Livro II, UFSC: 2015.

## ANEXOS

**Questionário ( Entrevistada número 01)**

1. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?

**Sim, principalmente no comportamento. Muito pela educação familiar e imposições da sociedade. Quando se deparam com escolhas como cor rosa e azul, boneca e carrinho é visível estas interferências, mas busco sempre trabalhar globalmente, sem taxação, porém, tem algumas convenções que sigo e acredito ser necessário. Lido com a questão do gênero, de maneira lúcida, não acho interessante estimular tudo, mas acredito que muitas coisas podem ser feitas pelas escolhas individuais, como cor da roupa, corte de cabelo, etc. mas acredito que algumas características e papéis podem ser mantidos, sem discriminação e desrespeito a vontade própria, como o respeito ao corpo, seu e dos colegas.**

2. Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?

**Não.**

3. Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?

**Na minha não. Mas já vi salas, com cantinho das bonecas e cantinho dos carrinhos.**

4. Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?

**Sim, há as aulas extras de futsal para meninos e dança para as meninas, por determinação da escola. Percebo as diferenças e tento englobar todos nas brincadeiras possíveis. Mas, observando, principalmente as brincadeiras simbólicas, os papéis de sociedade geralmente são realizados pelos mesmos, como papai pelo menino, mãe pela menina. Já aconteceram e acontecem situações de meninos brincarem com bonecas como no dia do brinquedo e meninas quererem jogar futebol. Então, tento propor brincadeiras que envolvam todos, numa tentativa de quebrar um pouco o forte tabu. Mas como disse, nem tudo transformo em questões globais para ambos os sexos.**

5. Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?

**Na faixa etária que trabalho, 5 anos, percebo muito os enfrentamentos interpessoais e até mesmo pessoais, que as crianças se deparam. Na questão das escolhas simples de uma cor, ou de um brinquedo, bem como as questões sexuais, descobertas, formação de gênero, grupo e identidade. Percebo muitas brincadeiras relacionadas aos órgãos sexuais e outras partes do corpo como bumbum, seios, etc, mas ainda de uma maneira de descoberta e entendimento.**

6. Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.

**Sim. Por parte das crianças, inocentemente e por parte dos pais. Um dia a aula de dança foi geral, para meninos e meninas, para os meninos que quisessem. Apenas um quis. A mãe no outro dia, veio conversar, pois o filho chegou muito empolgado contando a situação. Ela pediu que não se repetisse, a não ser em casos especiais como este. Ela disse que não queria estimular, só ele de menino na dança, e se fosse escolha dele, ela o levaria para uma aula de dança.**

7. Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

**A disputa é muito constante, desde a formação de uma fila, para ver quem chega primeiro. As brincadeiras de gênero são tão fortes, que a preferida é menino pega menina ou menina pega menino.**

## Questionário (Entrevistada número 02)

1. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?

**As diferenças são muito nítidas, os meninos e meninas tem comportamentos, atitudes diferentes e principalmente as brincadeiras são expressamente diferentes. Já no processo de ensino e aprendizagem, por conta das discussões sobre a temática Gênero, está tendo a cada dia mais progresso e os profissionais da educação estão sabendo como lidar com as diferenças.**

- 2-Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?

**Não .**

- 3-Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?

**Os brinquedos estão dispostos de maneira acessível para as crianças escolherem. Estão misturados e não selecionados por brinquedos de meninas e meninos.**

- 4-Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?

**Percebo que não há atividades apropriadas para meninos e meninas, todos participam das mesmas propostas. Logo, as crianças elas tem escolhas diferentes sim, é necessário respeitar estas escolhas.**

- 5-Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?

**Muitas vezes é difícil lidar, por exemplo, quando algum menino pega uma boneca para brincar e as demais crianças ficam rindo, neste momento é necessário muita conversa, para que as diversidades sejam saudáveis e não causem tumulto, brigas ou preconceitos na sala de aula.**

- 6-Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.

**Não respondeu.**

- 7-Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

**As brincadeiras costumam gerar muitos conflitos, pois muitas vezes meninos não deixam as meninas brincar junto ou vice versa, logo é visível a diferenciação entre as brincadeiras e atitudes.**

### Questionário (Entrevistada número 03)

1. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?

**Em nossa turma que é composta por crianças de três e quatro anos, percebemos algumas atitudes em que as crianças fazem diferenças entre meninos e meninas, como nas escolhas de certos brinquedos e cores.**

2. Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?

**Sim, esse ano tivemos uma formação proporcionada pela prefeitura que abordava essa temática, levando-nos a refletir o nosso cotidiano com as crianças em sala e quando haver algum conflito relacionado ao gênero, conversar com as crianças e desmistificar os conceitos impostos pela nossa sociedade muitas vezes machista e preconceituosa onde meninos não podem chorar por serem heróis e as meninas sempre são indefesas e que tem que ficar em casa cuidando dos filhos.**

3. Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?

**Em nossa sala os brinquedos maiores ficam em prateleiras na altura das crianças, separados por bonecas, jogos, carrinhos entre outros. Os demais ficam em caixas no chão da sala.**

4. Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?

**Quando propomos atividades ou brincadeiras, tentamos ao máximo não fazer diferença entre meninas e meninos, muitas das atividades acontecem no coletivo sendo iguais para todos, em alguns momentos como pintura e massinha eles selecionam (classificam) certas cores como de meninos e meninas. Neste momento conversamos para que eles utilizem todas as cores.**

5. Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?

**Em diversos momentos onde as crianças estão brincando livremente percebemos comentários quando menina pega um carrinho para brincar e os meninos não querem deixar, pois falam que é de menino, essa situação é comum em nossa turma. Sempre conversamos quando esses conflitos acontecem, dizemos que todos tem direito de brincar com qualquer brinquedo.**

6. Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.

**Sempre acontecem conflitos referente ao preconceito de gênero, quase sempre por parte dos meninos com relação as meninas, nos momentos da escolha de um brinquedo e escolhas das cores para uma atividade.**

7. Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

**Idem resposta da questão 6.**

### Questionário (Entrevistada número 04)

1. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?

**Não há diferenças entre os comportamentos e nem no processo de aprendizagem. No geral as crianças interagem muito bem.**

2. Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?

**Sim, mas nenhuma que tenha me marcado. Infelizmente os cursos oportunizados pelas secretarias da educação onde trabalhei, geralmente prefeituras não são de tão boa qualidade que possam influenciar em mudanças nas práticas pedagógicas.**

3. Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?

**Não gosto de cestos, prefiro as prateleiras com os brinquedos organizados de forma que as crianças possam escolher com autonomia, o que desejam fazer suas trocas, ou simplesmente bagunçar. Também acho mais prático para auxiliá-los na organização do espaço ao final das brincadeiras.**

4. Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?

**Não, nas escolhas das crianças na hora das brincadeiras não há diferenças, as vezes o que ocorre são as influências trazidas de outros contextos que podem influenciar as escolhas dos pequenos.**

5. Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?

**Em sala cada criança é um ser e todos são diferentes, com preferências, personalidade individuais.**

6. Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.

**Sim, em um certo Centro de Educação Infantil (Grupo de trabalho 6) que trabalhei, uma mãe não queria que sua filha brincasse com um menino do grupo, pois na visão dela, o garoto era “safado demais” (referindo-se a sexualidade) e exigiu que eu não o deixasse próximo de sua filha. Precisei enfrentá-la afirmando que enquanto eu fosse professora da turma, nenhum tipo de discriminação aconteceria e que se os dois resolvessem brincar juntos, iriam brincar.**

7. Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

**Não acredito que existam conflitos entre meninos e meninas. Acho que os conflitos geralmente ocorrem com as crianças no geral e geralmente são por disputas de brinquedos e brincadeiras.**

### Questionário (Entrevistada número 05)

8. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?

**Não percebo diferenças no processo de aprendizagem. Mas nas crianças maiores entre quatro e cinco anos existe as preferencias, porém há momentos em que todos brincam juntos.**

9. Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?

**Não.**

10. Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?

**Os brinquedos são colocados em caixas ou prateleiras. No caso das prateleiras as crianças mesmo organizam como acham melhor.**

11. Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?

**Não. Quando maiores apresentam preferencias. Talvez seja questão cultural já que tem pais que acham que “carrinho é brincadeira de menino” e “boneca é brincadeira de menina” e este pensamento eles passam para os filhos.**

- ~~12.~~ Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?

**Cada ser humano é único, tendo diferença na personalidade e cada um é um universo a ser descoberto.**

13. Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.

**Sim, mães que não aceitavam que os filhos brincassem com crianças que tinham piolho e proibiam os filhos, de se aproximar ou brincar com eles.**

14. Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

**Na educação infantil não percebo conflitos, mas sim disputas por espaço, brinquedos ou até mesmo a professora. Todos são diferentes porém as preferencias as vezes são as mesmas e é nestes momentos que ocorrem as disputas.**

## Questionário (Entrevistada número 06)

1. Você percebe algumas diferenças entre meninos e meninas na educação infantil sobre comportamentos, atitudes, brincadeiras, diferenças no processo de ensino e aprendizagem?

**Não há diferença na educação infantil, principalmente nas turmas de zero a três anos, onde o que altera é as cores das roupas e mochilas enviadas pelas famílias. No geral, a interação é mutua de todo o grupo, se relacionando muito bem.**

2. Você já realizou alguma formação profissional sobre a temática Gênero? Se sim, o que achou do curso? Teve alguma mudança em sua prática pedagógica, qual?

**Não.**

3. Na sala de aula, como são dispostos os brinquedos para as crianças? Possuem alguma classificação ou modo de organização?

**Os brinquedos ficam organizados em caixas e prateleiras, divididos por categorias como livros de pano, chocalhos, brinquedos de sala, etc..**

4. Em sala de aula, há atividades que você considera apropriadas para meninos e meninas? Percebe diferenças nas escolhas dos meninos e meninas?

**O trabalho apresentado sempre engloba todo o grupo, propiciando a interação de todos. Por ser uma turma de crianças menores (bebês) , eles não diferenciam os brinquedos.**

5. Quais são as principais diversidades que você identifica na sala de aula?

**Diversidade étnico racial, onde as crianças são filhos de estrangeiros, e a comunicação com os pais é muito difícil (pela língua falada por eles/difícil entendimento).**

6. Você já presenciou alguma situação de preconceito na escola, por parte da(s) criança(s) ou da(s) família(s)? Se sim, relate.

**Sim, quando um colega percebeu que no botão da calça do outro menino, havia um lacinho desenhado, isso virou motivo de chama-lo de “menininha”. E a intervenção da professora se fez necessária.**

7. Descreva os principais conflitos que ocorrem entre meninos e meninas na sala de aula.

**Alguns meninos não querem que as meninas participem de atividades como jogar bola e ou brincar de carrinhos com eles. O oposto acontece nas brincadeiras de casinha, onde as meninas buscam um menino para a figura paterna.**

